

workshop “COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA”

pré-evento do VII Encontro Nacional de Biologia Evolutiva
Museu da Ciência da Universidade de Coimbra
20 de Dezembro de 2011

O objectivo deste workshop é promover o encontro entre investigadores e comunicadores de ciência para um debate informal sobre a comunicação de ciência junto do público em geral e em escolas. O workshop será organizado sob a forma de sessões dinamizadas por oradores convidados, que abordarão a comunicação de ciência em diferentes âmbitos.

O workshop é aberto quer a participantes no VII Encontro Nacional de Biologia Evolutiva quer a participantes que apenas pretendam assistir ao workshop.

Preço: 10 euros [inclui os dois *coffee-breaks*]

Programa:

10h - 11h	Paulo Gama Mota Museu da Ciência da Universidade de Coimbra	“Podem os museus de ciência servir para comunicar a ciência actual?”
<i>11h - 11h15</i>	<i>Coffee-break</i>	
11h15 - 12h15	Catarina Amorim Linacre College, University of Oxford	“A “do-it-yourself” projeto português de comunicação de ciência comemora 10 anos”
<i>12h15 - 14h</i>	<i>Almoço livre</i>	
14h - 15h	António Piedade Ciência & Tecnologia na Imprensa Regional Portuguesa - Ciência Viva	“A evolução divulgada.”
15h - 16h	Rita Campos, Alexandra Sá Pinto Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto	“Comunicar jogando: a evolução biológica simplificada.”
<i>16h - 16h15</i>	<i>Coffee-break</i>	
16h15 - 17h15	Catarina Júlio, Ana Godinho Instituto Gulbenkian de Ciência	“Devem os centros de investigação científica comunicar directamente com o público?”
17h15 - 17h45	Debate final - entrada livre	

Resumo das comunicações:

Paulo Jorge Gama Mota: Podem os museus de ciência servir para comunicar a ciência actual?

O conhecimento científico apresenta-se como uma actividade humana onde surgem notícias novas todos os dias e é uma área que cresce regularmente com o aumento do número dos seus praticantes, em Portugal e no mundo. Os museus de ciência e de história natural têm sido ou repositórios da memória colectiva ciência produzida no passado, ou importantes infraestruturas para a investigação, particularmente sobre biodiversidade. Geralmente vêem-se os museus e ciência como locais onde se fala da ciência no passado. Mas serão os museus locais adequados para se comunicar a ciência do presente?

Através do exemplo do que temos realizado no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra procurarei demonstrar que não só os museus são locais apropriados para a comunicação da ciência actual, como são os melhor equipados para o fazer, ao facilitarem a interacção entre a sociedade e os cientistas e o debate sobre a ciência que se faz e a sua importância e implicações para a sociedade.

Paulo Jorge Gama Mota é Professor Associado do Departamento de Ciências da Vida, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (UC). Obteve o seu Doutoramento em Biologia na UC. É investigador do CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, onde coordena o *Behavioural Ecology Group* e desenvolve investigação em comportamento animal e evolução (evolução de sinais e selecção sexual). É autor de várias dezenas de artigos científicos em publicações internacionais em comportamento animal e evolução. É vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Etologia, membro de várias sociedades científicas e, desde Dezembro de 2006, Director do Museu da Ciência da UC, que recebeu o Prémio Micheletti 2008 (melhor Museu europeu em ciência, tecnologia e indústria). Coordenou ou comissariou a realização de catorze exposições científicas, como “Darwin 150, 200”, “A Diversidade da Vida”, “Segredos da Luz e da matéria”, “Trânsito de Vénus. À procura do tamanho do Universo” e “Ver a República”.

Catarina Amorim: A “do-it-yourself” projeto português de comunicação de ciência comemora 10 anos

Parte integral do desenvolvimento científico em qualquer sociedade democrática é dar a conhecer este mesmo desenvolvimento ao grande público. Em 2001 Portugal encontrava-se num boom de investimento na ciência nacional mas faltavam gabinetes de imprensa nos centros de investigação e comunicadores de ciência profissionais que pudessem contar o que estava a ser feito mudando a imagem de um país cientificamente subdesenvolvido não só em Portugal mas também fora. Neste contexto surge o meu projeto que pretendeu não só aumentar a visibilidade da ciência portuguesa dentro e fora do país mas também ajudar a fomentar a versatilidade e qualidade da ciência presente nos meios de comunicação, assim como promover a literacia científica da população. Eu irei falar do que fiz nestes últimos 10 anos, da experiência que foi um projeto feito do nada, do prazer de ver a ciência portuguesa no “New York Times”, “New Scientist” e na “Nature highlights” mas também das novas

experiências e desafios na área a decorrerem no Reino Unido, um dos centros nevrálgicos da comunicação de ciência no mundo.

Catarina Amorim começou Imunologia em Moscovo e terminou Biologia em Lisboa, fazendo o doutoramento em Imunologia na Universidade de Oxford (UOxf), onde ainda se encontra como “visiting academic” em comunicação de ciência. Em 2001, depois de um pós-doutoramento em virologia, salta para a área de comunicação de ciência e lança um projeto em conjunto com o Observatório de Ciência e Tecnologia para a divulgação da ciência portuguesa, no qual continua envolvida, agora com a agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica Nacional “Ciência Viva”. Em 2007 completou um mestrado em comunicação de ciência no Imperial College (Londres) com uma tese sobre o uso da arte para a comunicação de ciência. Os seus principais interesses consistem em colocar cientistas a dialogar diretamente com o público e aumentar a literacia científica de adultos. Neste contexto, trouxe o concurso “FameLab” para Portugal, onde tem também treinado os respetivos concorrentes, leciona comunicação de ciência a bolseiros do programa “Marie Curie” da Comunidade Europeia e na UOxf, onde também organiza uma série de seminários, “Storytelling Science”, que nos últimos 4 anos têm visto cientistas da UOxf a falar de ciência para o grande público, em colégios e cafés da cidade. Além de, claro, continuar a escrever sobre ciência portuguesa.

António Piedade: A evolução divulgada

Como é que a imprensa trata o tema “evolução biológica”? Exemplos e contra-exemplos, aquém e além-mar.

António Piedade é comunicador de ciência, tendo formação em Bioquímica (Licenciatura), Biologia Celular (Mestrado) e Biotecnologia (Doutoramento). Publicou dois livros de divulgação de ciência, um seleccionado para o Plano Nacional de Leitura e o outro prefaciado pelo Prof. Carlos Fiolhais. Escreve regularmente na imprensa regional e em blogues de divulgação de ciência (como o *De Rerum Natura*, <http://dererummundi.blogspot.com/>). Colaborou com diversas instituições ligadas à divulgação interactiva de ciência, como o Exploratório Infante Dom Henrique - Ciência Viva e o Museu de Ciência da Universidade de Coimbra. Actualmente coordena o projecto “Ciência e Tecnologia na Imprensa Regional Portuguesa - Ciência Viva”.

Rita Campos & Xana Sá Pinto: Comunicar jogando: a evolução biológica simplificada.

Compreender a Teoria da Evolução Biológica e os principais mecanismos evolutivos é fundamental não só para perceber a complexidade da vida e sua relação com o meio ambiente mas também as suas potenciais aplicações fora do âmbito estrito da biologia. No entanto, no actual currículo educativo este tema só é abordado no ensino secundário e apenas no curso de Ciências e Tecnologias. Para colmatar essa lacuna desenvolveu-se um conjunto de actividades que permitem explorar vários conceitos relacionados com a biodiversidade e evolução e que podem ser utilizadas em eventos públicos ou em sala de aula.

Rita Campos e Xana Sá Pinto são bolsistas de pós-doutoramento do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto (CIBIO-UP), onde desenvolvem investigação relacionada com os processos de adaptação, divergência populacional e especiação. Paralelamente, têm participado em diversas actividades relacionadas com a promoção da literacia científica, como responsáveis e como colaboradoras. Algumas dessas actividades incluem a participação em dias especiais ou palestras em Escolas do Ensino Básico e Secundário e as exposições “Darwin - Evolução e Biodiversidade”, integrada na “Semana da Ciência” do Porto, e “A Evolução de Darwin” no Porto, sendo responsáveis pelos conteúdos científicos dos novos módulos e pela produção pedagógica. Recentemente, receberam financiamento da Sociedade Europeia de Biologia Evolutiva (ESEB) e da Sociedade para o Estudo da Evolução (SSE) para desenvolverem material pedagógico sobre evolução e biodiversidade (descritas no blogue *playingevolution.blogspot.com*). Ambas pertencem à comissão instaladora da Sociedade Portuguesa de Biologia Evolutiva.

Catarina Júlio: Devem os centros de investigação científica comunicar directamente com o público?

A comunicação direta com o público permite aos cidadãos de todas as idades conhecerem a investigação científica que decorre "em tempo real" nos centros de investigação. Por outro lado, possibilita um maior envolvimento do público nos processos e valores da ciência e dos cientistas, particularmente quando existe participação de investigadores. É uma forma de comunicação directa, não mediada, em que os "atores" da actividade científica se tornam os principais agentes de comunicação. O Instituto Gulbenkian de Ciência, à semelhança de múltiplos centros de investigação no País, tem organizado dias abertos, debates, a Noite Europeia dos Investigadores, participado em festivais de ciência, na Semana da Ciência e Tecnologia, em festivais de música, em festas do município, sempre com o objectivo de promover o diálogo com diferentes públicos. Nesta apresentação, através de exemplos de comunicação direta com o público, serão abordadas lições aprendidas e desafios para o futuro.

Catarina Júlio estudou Bioquímica na Universidade de Coimbra e obteve a sua Licenciatura em 2008, após um ano como investigadora-estagiária no grupo de Oncogénese e Imunoterapia do Instituto de Genética Molecular de Montpellier (França). Desde cedo, interessou-se pela Comunicação de Ciência e atualmente é membro da equipa de Comunicação de Ciência e Relações Externas do Instituto Gulbenkian de Ciência, sendo responsável por alguns dos projetos do programa de divulgação e promoção de Ciência, e respetivo envolvimento do público. Desenvolve principalmente actividades destinadas ao ensino experimental das ciências nas escolas e ferramentas educativas *online* para professores. Tem também participado em diversos eventos públicos, como facilitadora (por ex., como cientista-ator na peça *Senhoras e Senhores: a Máquina dos Genes*, Semana da Ciência 2010) e como organizadora (por ex., Dias Abertos, Noites dos Investigadores e OptimusAlive!Oeiras). Recentemente foi premiada, como co-argumentista do vídeo de animação ‘Eu e o meu corpo’, na categoria de Materiais Didáticos no concurso internacional *Ciencia en Acción*.

Organização:

Paulo Gama Mota, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

Rita Campos, Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto